



# Filosofia, Arte e Ciência: modos de pensar o acontecimento e o virtual segundo Gilles Deleuze

Catarina Pombo Nabais

## Resumo

Deleuze e Guattari começam por definir o acontecimento como sendo a realidade do virtual. No entanto, a relação acontecimento/virtual nem sempre é a mesma. Ela depende dos três modos de a abordar: o modo científico, o filosófico e o artístico, modos que exprimem três dimensões do pensamento. Neste artigo tentaremos mostrar como a teoria da modalidade ajuda a pensar a diferença entre estas três formas de pensamento: o virtual correspondendo à Filosofia e ao plano de consistência do conceito, o actual correspondendo à Ciência e ao plano de referência da função, e o possível correspondendo à Arte e ao plano de composição da sensação.

No seu último livro, intitulado *O que é a Filosofia?*, Deleuze e Guattari desenham uma cartografia do pensamento onde distinguem Filosofia, Ciência e Arte. Neste mapa, inscrevem as diferenças entre estas três dimensões do pensamento, mas também a sua natureza complementar. Entre elas não há hierarquia nem dependência. Deleuze e Guattari afirmam-no claramente: «As três vias são específicas, tão directas umas como as outras, e distinguem-se pela natureza do plano e do que o ocupa. Pensar, é pensar por conceitos, ou então por funções, ou então por sensações, e qualquer um destes pensamentos não é melhor do que o outro, ou mais plenamente, mais completamente, mais sinteticamente 'pensamento'» [1].

Para Deleuze e Guattari, todo o pensamento é relação com o caos. O pensamento é o resultado de uma operação que se faz ao caos, é a própria composição do caos. Pensar, é dar consistência ao caos. Deleuze e Guattari definem o caos como um virtual que, enquanto velocidade absoluta, é

---

[1] Deleuze, G. ; Guattari, F., *Qu'est-ce que la Philosophie?*(QPh), Paris, Minuit, 1991, p. 187 (nossa tradução).

nascimento e esvaziamento de todas as formas possíveis. «Definimos o caos menos pela sua desordem do que pela velocidade infinita com que se dissipa toda a forma que nele se esboça. É um vazio que não é um nada, mas um *virtual*, contendo todas as partículas possíveis e adquirindo todas as formas possíveis que surgem para de imediato desaparecerem, sem consistência nem referência, sem consequência» [2]. O caos não é o nada, mas um virtual na medida em que contém todas as formas possíveis. No entanto, em vez de ser um simples momento de actualização dessas formas, é também o momento da sua dissipação.

Deleuze e Guattari começam por definir o acontecimento como sendo a realidade do virtual. No entanto, a relação acontecimento/virtual nem sempre é a mesma. Ela depende dos três modos de a abordar: o modo científico, o filosófico e o artístico. Segundo Deleuze e Guattari, a Ciência não se ocupa do acontecimento uma vez que se orienta para o mundo empírico, o mundo dos estados de coisas actualizados, com propriedades de coisas constituídas. Ora, o acontecimento é imaterial, incorpóreo, não susceptível de ser vivido. O acontecimento é o vapor que sai dos estados de coisas, não se confundindo com elas. Por outro lado, o acontecimento é da ordem do Aión, do tempo que excede todas as formas ordenáveis de tempo (Chronos) e que se apresenta como um imenso tempo vazio. O acontecimento é não da ordem do tempo classificável, o tempo cujos instantes se sucedem, mas da ordem do devir, o qual pertence ao tempo da imanência, dos entre-tempos que se sobrepõem. «O entre-tempo, o acontecimento, é um tempo morto, aí onde não se passa nada, uma expectativa infinita que é já infinitamente passada, expectativa, reserva. Esse tempo morto não vem depois do que acontece, ele coexiste com o instante ou o tempo do acidente, mas como imensidão do tempo vazio em que o vemos ainda por vir e já chegado» [3]. Portanto, o acontecimento não é nem temporal nem espacialmente ordenável, ou para retomar uma expressão de *O que é a Filosofia?*: «o acontecimento não se preocupa com o lugar onde está, e não quer saber há quanto tempo existe» [4].

Ora, segundo Deleuze e Guattari, a Ciência opera por funções, as quais dizem respeito aos estados de coisas, a objectos ou corpos individuados, sejam eles uma nuvem ou um fluxo, e num tempo classificável. A função pretende «isolar variáveis num ou noutra instante,

---

2 QPh , p. 111 (nossa tradução).

3 QPh , p. 139 (nossa tradução).

4 QPh , p. 149 (nossa tradução).

ver quando novas variáveis intervêm a partir de um potencial, em que relações de dependência podem entrar, por que singularidades passam, que limiares transpõem» [5]. A Ciência ocupa-se do caos, tenta compreendê-lo, ordená-lo, extrair dele funções que lhe permitam regular os estados de coisas ou um sistema *actual e num tempo* entre dois instantes ou tempos entre muitos instantes. A Ciência segue um movimento descendente do caos virtual aos estados de coisas, isto é, actualiza os estados de coisas num corpo, num tempo e num espaço singulares. É este movimento descendente do caos virtual às coisas, num espaço e num tempo determináveis, que Deleuze e Guattari descrevem como sendo a criação de um plano de referência, próprio da Ciência.

A Filosofia segue o movimento inverso. Ela parte dos estados de coisas para chegar ao virtual. Agora, o acontecimento aparece como sendo a realidade do virtual, mas do virtual tornado consistente, tornado entidade real sobre um plano de imanência, excedendo qualquer função possível e qualquer determinação de um espaço e de um tempo. «O virtual já não é a virtualidade caótica, mas a virtualidade tornada consistente, entidade que se forma sobre um plano de imanência que corta o caos. É o que chamamos Acontecimento, ou a parte que escapa à sua própria actualização em tudo o que acontece» [6]. O virtual enquanto acontecimento é o que escapa à sua própria actualização, a parte daquilo que acontece que não se actualiza. O acontecimento actualiza-se no estado de coisas, num corpo ou numa vivência, mas enquanto sobre-voou, isto é, enquanto entidade da qual uma parte não se actualiza. O acontecimento é real sem ser actual, ideal sem ser abstracto, imaterial, pura reserva em estado de sobre-voou sobre os estados de coisas, entre-tempo ou tempo vazio e morto do Aion. O acontecimento actualiza-se num estado de coisas mas também tem «uma parte sombria e secreta que não pára de se subtrair ou de se juntar à sua actualização» [7]. Ora, é essa parte sombria que constitui o virtual, que é a realidade do virtual. O acontecimento é portanto um virtual muito específico, aquele que, já não sendo caótico, é tornado consistente ou real sobre o plano de imanência. «Cada componente do acontecimento *actualiza-se ou efectua-se* num instante, e o acontecimento, no tempo que passa entre esses instantes; mas nada se passa na virtualidade que só tem entre-tempos como componentes, e

---

5 QPh , p. 148 (nossa tradução).

6 QPh , p. 147 (nossa tradução).

7 QPh , p. 148 (nossa tradução).

um acontecimento como devir composto» [8]. Nada se passa, e no entanto tudo muda, porque no acontecimento tudo entra em devir. Ele é «pura imanência daquilo que não se actualiza ou daquilo que fica indiferente à actualização» [9]. Ele é um virtual enquanto parte que esquiva, que escapa, que fica indiferente à sua própria actualização. A realidade do virtual não depende da sua actualização porque ela é pura imanência.

A Filosofia é a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos. E o que é o conceito? «O conceito define-se pela *inseparabilidade de um número finito de componentes heterogêneas percorridas por um ponto em sobrevoo absoluto, a uma velocidade infinita*» [10]. Deleuze e Guattari definem o conceito como sendo simultaneamente absoluto e relativo. Relativo face às suas próprias componentes, aos outros conceitos, ao plano no qual se delimita, aos problemas que é suposto resolver. Absoluto pela condensação que opera, pelo lugar que ocupa no plano, pelas condições que marca ao problema. «O conceito define-se pela sua consistência, endo-consistência e exo-consistência, mas não tem referência: é auto-referencial, põe-se a si próprio e põe o seu objecto». O conceito é o que apreende o acontecimento, ou o virtual enquanto acontecimento em devir [11]. O conceito diz o acontecimento e não a essência ou a coisa em si. O conceito de pássaro, para retomar um exemplo de *O que é a Filosofia?*, não está no seu género ou na sua espécie, mas na composição das suas posturas, das suas cores e dos seus cantos. O pássaro como acontecimento.

«Os conceitos filosóficos têm por consistência acontecimentos, enquanto as funções científicas têm por referências estados de coisas ou misturas: a filosofia continua incessantemente, através de conceitos, a extrair do estado de coisas um acontecimento consistente, um sorriso sem gato, de algum modo, enquanto a ciência continua incessantemente, através de funções, a actualizar o acontecimento num estado de coisas, numa coisa ou num corpo referenciáveis» [12]. O conceito é pois única e exclusivamente filosófico, pois ele é posição não de proposições ou enunciados (como na ciência) mas de problemas.

---

8 QPh, p. 149 (nossa tradução).

9 QPh, p. 148 (nossa tradução).

10 QPh, p. 36 (nossa tradução).

11 «O conceito não se refere ao vivido, mas consiste em estabelecer um acontecimento que sobrevoe qualquer vivido, não menos do que qualquer estado de coisas» (QPh, p. 45, nossa tradução).

12 QPh, p. 113 (nossa tradução).

A Ciência, ao querer dar uma referência ao virtual, envolvendo-o num estado de coisas, trabalha com a parte do acontecimento que se actualiza e se efectiva, enquanto que a Filosofia, faz o movimento inverso: trabalha com a parte virtual do acontecimento que não se actualiza. A Ciência actualiza ou efectua o acontecimento, implicando-o num estado de coisas. A Filosofia opera uma «contra-efectuação», ou seja, ela pensa a parte que não se actualiza naquilo que acontece, abstraindo-se dos estados de coisas para libertar deles o conceito. E, nessa medida, torna o virtual consistente. «É pois sob dois aspectos ligados que o conceito filosófico e a função científica se distinguem: variações inseparáveis, variáveis independentes; acontecimentos num plano de imanência, estados de coisas num sistema de referência» [13].

No entanto, Deleuze adverte que o acontecimento é inseparável do estado de coisas nos quais se actualiza ou efectua, da mesma maneira que o estado de coisas é inseparável do acontecimento, que, no entanto, o excede. E afirma: «é necessário subir até ao acontecimento que dá a sua consistência virtual ao conceito, e do mesmo modo descer até ao estado de coisas actual que dá as suas referências à função (...). Não é a mesma linha que se sobe e que se desce, são linhas diferentes mas inseparáveis, cada uma completa em si mesma (...) e o conceito não reflecte sobre a função, tal como a função não se aplica ao conceito (...): é por isso que é sempre triste que os cientistas façam filosofia sem um meio realmente filosófico, ou que os filósofos façam ciência sem um meio efectivamente científico» [14].

Que caminho, entre as duas linhas da Ciência e da Filosofia, pode a arte seguir? Ao criar obras de arte, o artista cria estados de coisas, não para actualizar ou efectivar uma virtualidade, mas para a contra-efectuar, para atingir e ir ao encontro do virtual, para tornar sensível a parte do acontecimento que não se actualiza. A arte produz obras de arte como estados de coisas, não para as ordenar, mas para lhes dar caos, para igualar o infinito, para exprimir o virtual, em suma, para extrair a sua parte não-efectuável, intemporal, do acontecimento, a sua parte que constitui a própria realidade do virtual. Podemos portanto dizer que a arte vai nos dois sentidos ao mesmo tempo. Ela cria o actual mas para libertar o virtual, ela trabalha sobre os estados de coisas mas para fazer surgir acontecimentos. No entanto, a arte não é uma síntese das duas linhas. «Os três pensamentos cruzam-se, entrelaçam-se, mas sem síntese nem identificação. A Filosofia faz surgir acontecimentos com os seus conceitos, a Arte compõe monumentos com as

---

13 QPh , p. 114 (nossa tradução).

14 QPh , pp. 140/2 (nossa tradução).

suas sensações, a Ciência constrói estados de coisas com as suas funções» [15].

A arte é a conservação do acontecimento, ela faz do acontecimento uma sensação. A arte, para Deleuze, conserva e conserva-se em si. Nesta tese de Deleuze há uma consequência: a auto-posição da obra de arte. Toda a obra de arte é um ser de sensação que existe em si e por si. A arte conserva o acontecimento, ou seja, ela faz do entre-tempo ou do devir do acontecimento uma sensação e portanto um instante. Só que este instante, precisamente por ser uma obra de arte, isto é, por ser uma auto-posição de si que se conserva em si mesma, tem a condição de um monumento, de um eterno (sem ser uma eternidade). A arte faz portanto do acontecimento uma sensação, isto é um universo.

Que estatuto ontológico conferem Deleuze e Guattari a este universo? Que realidade tem este universo? Este universo não é nem virtual, nem actual, mas «possível». Este universo aparece como sendo uma realidade à parte: é um possível estético. Deleuze e Guattari explicam que o possível estético não é a actualização de uma série de acontecimentos. Ele é antes a encarnação ou incorporação do acontecimento numa obra de arte. «O monumento não actualiza o acontecimento virtual, mas incorpora-o ou incarna-o: dá-lhe um corpo, uma vida, um universo. Estes universos não são nem virtuais nem actuais, são possíveis, o possível como categoria estética ('dêem-me o possível, senão sufoco'), a existência do possível, enquanto os acontecimentos são a realidade do virtual, formas de um Pensamento-Natureza que sobrevoam todos os universos possíveis» [16]. A condição ontológica dos universos criados pela arte distingue-se portanto da ordem da efectividade do enunciável. Os universos da arte definem-se portanto pela sua inactualidade, a sua temporalidade de um entre-tempo, de qualquer coisa que acontece mas que não se actualiza. Eles também não são virtuais. Deleuze e Guattari reservam este modo de existência (virtual) aos acontecimentos. Como eles escrevem, os acontecimentos « são a realidade do virtual ». Eles «sobrevoam», enquanto realidade puramente espiritual, enquanto aquilo que Deleuze e Guattari designam como «Pensamento-Natureza», os universos da arte. A arte faz a conversão modal do virtual. Os universos que compõem cada obra-monumento são o efeito de um processo de doação de vida, de doação de um corpo ao acontecimento. O próprio fazer da obra é o movimento de construção de um universo onde se incarna o mundo das realidades virtuais. A arte é a criação de blocos de sensação

---

15 QPh , pp. 187-8 (nossa tradução).

16 QPh , p. 168 (nossa tradução).

como lugar de incarnação, de incorporação do acontecimento. A arte faz da sensação um monumento. Por seu lado, o acontecimento é a realidade do virtual que sobrevoa os mundos possíveis da arte. Ele não os precede necessariamente, podendo mesmo ser criado ao mesmo tempo que os mundos possíveis. Mas ele será sempre do lado do virtual, e a arte do lado do possível. Este possível não é a actualização de um virtual, ele não actualiza o acontecimento. O possível como categoria estética, é o possível como um ser em si, é a afirmação de uma existência própria do possível, que se distingue da existência virtual do acontecimento. O possível dá um mundo, um universo ao virtual-acontecimento.

Enquanto que o virtual existe tanto no plano de imanência da Filosofia, como no plano de referência da Ciência, o possível só existe no plano da composição da Arte, isto é, no plano estético. O possível pertence ao mundo da sensação, do afecto e do percepto, que excedem todo o vivido. A possibilidade estética (pictoral, musical ou outra) nada tem a ver com a possibilidade física. Ela existe por si mesma, independente quer do material (suporte tela, pauta, livro), quer do seu modelo, quer do espectador e até do seu criador. Por isso, Deleuze e Guattari escrevem: «o afecto não é a passagem de um estado vivido para um outro, mas o devir não humano do homem (...). É uma zona de indeterminação, de indiscernabilidade, como se as coisas, animais e pessoas (...) tivessem atingido em cada caso esse ponto conduzindo ao infinito que precede imediatamente a sua diferenciação natural» [17]. O possível estético é a condução da sensação, pelo plano de composição, a um desenquadramento que a abre e fende para o infinito [18]. O possível é então esse momento em que a sensação iguala o infinito.

Enquanto captação do (virtual do) acontecimento, a arte é o plano de composição que recorta sensações do caos. Há portanto um movimento aparentemente contraditório na arte, a qual vai sempre nos dois sentidos ao mesmo tempo : da sensação composta ao plano de composição como corte do caos, como movimento de definição determinada (finito); e do plano de composição à sensação composta como movimento de infinito. Entre a sensação e o plano existe uma estrita coexistência e complementaridade, os dois formam-se e compõem-se ao mesmo tempo, correlativamente.

Este duplo movimento da arte entre o finito e o infinito, os quais constituem o plano de composição como corte do caos, é o que sustende a

---

17 QPh , pp. 163-4 (nossa tradução).

18 «Talvez seja isso o próprio da arte, passar pelo infinito para reencontrar, restituir o infinito» (QPh, p. 186, nossa tradução).

definição da arte como pensamento. Segundo Deleuze e Guattari, a arte é um pensamento, a arte pensa tanto quanto a Filosofia ou a Ciência. A Filosofia dá consistência ao acontecimento (conceito) e tenta salvar o infinito. A Ciência, pelo contrário, renuncia ao infinito. Ela dá-lhe uma referência de modo a transformá-lo numa função, numa coordenada determinável (percepto). A arte cria o finito com o infinito e dá ao acontecimento do possível uma vida, um mundo possível (affecto).

Percebemos assim como, em Deleuze, a teoria da modalidade ajuda a pensar a diferença entre as três dimensões do pensamento. Esquemáticamente podemos dizer que o virtual corresponde à Filosofia e ao plano de consistência do conceito, o actual corresponde à Ciência e ao plano de referência da função, e o possível corresponde à Arte e ao plano de composição da sensação. Estes diferentes modos de pensar e de confrontar o caos, não são mais do que a constatação do caos como uma realidade em si. Pensar, é dar consistência ao caos. Não uma relação de exclusão, mas pelo contrário, de inclusão. Pensa-se contra o caos, mas também com o caos, uma vez que, para Deleuze, pensar e ser são uma e mesma coisa. Desde o ser vivo à obra de arte, há uma autopoisição do criado. Por isso, recortar o caos, torná-lo consistente, é conferir-lhe uma realidade própria. É conferir-lhe uma objectividade e uma autopoisição. A Filosofia precisa de uma não-Filosofia, tal como a Ciência e a Arte. O caos torna-se Pensamento, adquire uma realidade enquanto Pensamento ou caosmos mental. A arte, a Ciência e a Filosofia são portanto os três Caóides, as três formas de pensamento e as três formas de recortar e de criar o caos. Sobre cada plano que recorta o caos produz-se uma realidade própria, um anti-caos objectivo. Assim, segundo Deleuze e Guattari, sobre o plano de imanência produz-se a Filosofia, sobre o plano de consistência, a Ciência e sobre o plano de composição, a arte. A junção destes três planos chama-se «cérebro». Mas Deleuze e Guattari advertem: o cérebro não constitui a unidade entre as três formas de realidade que são a arte, a Ciência e a Filosofia. O cérebro não é senão a sua conexão, a sua carta, o seu mapa: o cérebro é um Eu, um «Eu concebo» filosófico, um «Eu refiro» científico, ou um «Eu sinto» artístico [19].

---

19Cf. QPh, p. 199.